

## TEMAS LIVRES

### Da Escuta à Intervenção

**MT Ana Cristina Simões Parente - SP**

**MT Renato Tocantins Sampaio - SP**

Em Musicoterapia existem várias intervenções possíveis: Intervenções Verbais, Intervenções Corporais, Intervenções Sonoro-Musicais e Intervenções Formais (encontros periódicos com duração determinada, setting, vínculo, "papel" do terapeuta, "papel" do paciente, etc.), entre outras.

As intervenções tem sua origem na "escuta" que o musicoterapeuta realiza do seu produto musical, do produto musical do paciente, e do processo terapêutico (agenciamentos e fazeres musicais). Este processo terapêutico engloba os agenciamentos em si, bem como a ordem cronológica dos acontecimentos e da própria "evolução do paciente" em relação à música, à queixa, à forma de expressão (voz, música, corpo, etc.), ao terapeuta, e à terapia.

A escuta musical que o terapeuta possui da produção do paciente e/ou da sua interação com ele, tende a ser uma escuta referencial ("este som ou este trecho musical me lembra tal objeto ou tal fato") ou escuta musical focal, que tende a valorizar os padrões da música que está habituado a fazer e ouvir, qualquer que seja esta música. O terapeuta deve se esforçar para não permanecer nestas escutas costumeiras e cômodas e tentar "passear" por outras escutas possíveis, ampliando suas possibilidades de atuação.

A escuta do terapeuta vem de seu pensamento musical e está intimamente ligada a ele. O terapeuta sempre estará criando representações parciais do fato musical uma vez que não há meios de abarcar completamente este fenômeno. A representação do objeto leva em consideração toda a história de vida desta pessoa (o terapeuta) e a sua forma de entender, se relacionar, e interagir com o mundo; e os signos com os quais o terapeuta irá representar a produção do paciente (produto enquanto fazer musical) estão diretamente ligados à sua formação musical e ao desenvolvimento de sua musicalidade clínica.

A musicalidade clínica do terapeuta se desenvolve através da própria prática musicoterapêutica clínica quando o terapeuta se encontra e se comunica musicalmente com seu paciente, direcionando seu fazer musical à produção do paciente a fim de dar continência, dialogar, dirigir, clarificar, estabelecer e/ou manter contato, etc.

À medida em que o terapeuta amplia seu mundo musical, estará ampliando

também o seu repertório de escutas e representações, o que possibilitará uma maior disponibilidade para reconhecer, compreender, aceitar e interagir com outras formas do fazer musical, ampliando conseqüentemente o seu repertório de intervenções possíveis.

Esta necessidade de ampliação do pensamento musical e da musicalidade clínica do musicoterapeuta se faz mais presente frente àqueles paciente com dificuldades severas de comunicação e de relacionamento, e que portanto exigem musicalmente do musicoterapeuta uma maior flexibilidade e uma maior capacidade criativa de adaptação e de experimentação musical.

Seria importante que os musicoterapeutas conhecessem e absorvessem alguns princípios, noções e conceitos da música contemporânea, principalmente da música de concerto da segunda metade do séc XX, para que esta ampliação do pensamento musical e da musicalidade clínica fosse possível. Não devemos e não podemos mais nos limitar a uma noção de música enquanto timbre, ritmo, melodia, harmonia e forma. Compositores como Varése, Messiaen, Ligeti e Xenakis, entre outros, nos fazem ouvir texturas, massas sonoras e volumes ao invés de melodias e harmonias. Os compositores de Musica Espectral (Grisey, Murray, etc.) nos fazem questionar os limites entre timbre e harmonia. Os próprios impressionistas e futuristas das primeiras décadas do séc XX, bem como os compositores da música aleatória, da música minimalista e da música serial, põe em cheque a forma musical como um elemento unificador e organizador da música.

Não queremos dizer que estes “novos pensamentos musicais” devem substituir os “pensamentos musicais tradicionais”, mas devem complementá-los, de forma a expandir as possibilidades de escuta do musicoterapeuta e, conseqüentemente, de intervenção clínica musicoterapêutica.

Ana Cristina Simões Parente – Musicoterapeuta, Especialista em Psicopedagogia, Professora dos Cursos de Graduação em Musicoterapia, Dança e Artes Cênicas da Faculdade Paulista de Artes (SP).

**anacris@musicoterapia.sampa.nom.br**

Renato Tocantins Sampaio – Musicoterapeuta, Educador Musical, Especialista em Psicopedagogia, Mestrando em Comunicação e Semiótica, Sub-Coordenador do Curso de Graduação em Musicoterapia e Professor dos Cursos de Graduação e de Especialização em Musicoterapia da Faculdade Paulista de Artes (SP).

**renato@musicoterapia.sampa.nom.br**